

Coleções Malacológicas e a Doença de Byne

As coleções zoológicas necessitam de constante manutenção. Certos cuidados são fundamentais para que o material depositado possa ser bem preservado, de modo que permita o uso futuro por pesquisadores. O ambiente onde estão depositados os espécimes deve ser sempre monitorado, proporcionando as melhores condições possíveis. Cada grupo animal apresenta particularidades específicas para preservação e em relação às coleções malacológicas, o maior problema enfrentado é a corrosão das conchas, principalmente das mais delicadas, como as de moluscos terrestres e dulcícolas.

Byne (1899) foi o primeiro a suspeitar que a madeira da qual eram feitos os armários, carvalho na época, liberava ácidos que reagiam com o carbonato de cálcio das conchas. Mais recentemente, em 1985, Tennent & Bairdy, realizaram análises extensivas e concluíram que os armários de carvalho de coleções européias, liberavam ácidos fórmico e acético.

Segundo Davies (2002) o maior problema ocorre em regiões onde prevalece o clima quente e úmido. Nestes locais quando o ar úmido esfria, principalmente à noite, e o vapor d' água condensa, o CO₂ atmosférico combina-se com as moléculas da água (H₂O) formando o ácido carbônico (H₂CO₃). Este ácido reage com o carbonato de cálcio das conchas, formando bicarbonato de cálcio, o qual é solúvel no ácido carbônico. Estas reações podem ocorrer indefinidamente neste sistema fechado, deteriorando ao longo dos anos as coleções. Os armários de madeira e recipientes derivados, como papel, por não serem bons condutores de calor, facilitam a formação de vapor d' água e a conseqüente formação de ácido carbônico.

Alguns produtos derivados da madeira podem, em menor grau, causar danos às conchas.

O processo de fabricação de papel pode deixar resíduos de ácido sulfuroso, que é volátil, especialmente em temperaturas mais elevadas. Algumas resinas e óleos presentes em tintas e colas também podem causar problemas.

Enfim, a "Doença de Byne" corresponde a uma série de fatores que irão levar a uma lenta e constante deterioração das conchas das coleções malacológicas. Por isto recomenda-se as seguintes precauções:

- a) não armazenar os espécimes em armários de madeira ou em recipientes de papelão, como caixas;
- b) dar preferência a armários e recipientes feitos de acrílico ou plástico para o armazenamento da coleção. Caso não seja possível, utilize armários metálicos;
- c) depositar a coleção em locais onde a variação de temperatura seja a menor possível, evitando locais com incidência solar;
- d) usar aparelho desumidificador para controlar a umidade e evitar lugares úmidos;
- e) armazenar as conchas separadamente dos espécimes preservados em líquido, principalmente Railliet-Henry, que possui ácido acético em sua composição, mantendo distância entre os armários.

Referências bibliográficas:

Byne, L.St.G., 1899. The corrosion of shells in cabinets, *Journal of Conchology*, 5 (9):172-178, 253-254.

Tennent, N.H.; Baird, T., 1985. The deterioration of Mollusca collections: Identification of shell efflorescence. *Studies in Conservation*, 5 (30):73-85.

Davies, F.R.E., What' s eating my shells? Disponível em URL: www.coa.acnatsc.org/conchnet (2002)

MSc Claudia Leal Rodrigues
Bióloga - Zoologia/UERJ
e-mail: rclaudia@uerj.br



Informativo SBMa
Editado pela Sociedade Brasileira de Malacologia
Periódico Trimestral
ISSN 0102-8189

Rio de Janeiro, Ano 33 nº 139 - 30/03/2002

Palavras da Presidente

Prezados sócios:

Nosso boletim 139, correspondente ao primeiro trimestre do ano, sai com algum atraso. Deliberadamente atrasamos sua edição na esperança de que pudéssemos dar a alentadora notícia: a SBMa já está com sua situação regularizada. Lamentavelmente, isso ainda não ocorreu, apesar das inúmeras idas e vindas ao cartório para o atendimento das exigências. Acredito que agora falte pouco, pois segundo o agente cartorial, dependemos apenas de um documento chamado "breve relato" que deve vir de Recife.

Cabe explicar aos sócios que tal problema ocorre porque, quando da passagem anterior da Diretoria pelo Rio de Janeiro, não ocorreu registro cartorial. Não vai aqui crítica, apenas as exigências legais e as normas bancárias eram outras. Tive que providenciar todo um histórico da SBMa, inclusive justificando sua itinerância. Para poupar os poucos recursos da SBMa, todo o trâmite está sendo realizado diretamente por mim, exceptuando as intermináveis despesas com cópias autenticadas e reconhecimentos de firma.

O pagamento das anuidades, por ora, deve continuar a ser efetuado através de cheque nominal 'a **Sonia Barbosa dos Santos**.

Apesar dessas dificuldades burocráticas, continuamos a proceder aos compromissos assumidos. Realizamos a revisão de toda a lista de sócios, verificando as inadimplências. Junto com esse número, vai a informação sobre a situação de cada sócio. Algumas pessoas que constavam como sócios mas nunca efetuaram pagamento das anuidades, foram contactadas para que manifestem sua real vontade de associar-se, antes de um desligamento formal, conforme os estatutos. Alguns sócios afastados, mas sem desligamento formal foram convocados a reintegrar nossos quadros.

Uma das preocupações da atual Diretoria, atendendo aos anseios de vários sócios, tem sido procurar dar ao Informativo SBMa um caráter mais informativo, publicando notícias de interesse geral assim como artigos de divulgação científica e matérias de cunho didático, perfil que pode ser observado a partir deste número. Para a consecução desses objetivos e melhoria da qualidade do Informativo SBMa contamos com a colaboração de todos, especialmente de nossos Coordenadores Regionais.

Desejando que todos os sócios e amigos tenham uma Feliz Páscoa,
30 de março de 2002 - Sonia Barbosa dos Santos

Expediente:

- 🐚 **Presidente:** Prof.ª Dra. Sonia Barbosa dos Santos sbsantos@uerj.br 🐚
- 🐚 **Vice-presidente:** Prof. Dr. Ricardo Silva Absalão absalao@hotmail.com 🐚
- 🐚 **Tesoureira:** Prof.ª Msc. Mônica Ammon Fernandez ammon@ioc.fiocruz.br 🐚
- 🐚 **Segunda tesoureira:** Prof.ª Maria Fernanda Furtado Boaventura ferbid@ig.com.br 🐚
- 🐚 **Primeira secretária:** Prof.ª Dra. Silvana Carvalho Thiengo sthiengo@ioc.fiocruz.com.br 🐚
- 🐚 **Segundo secretário:** Prof. Msc. Alexandre Dias Pimenta alexpm@biologia.ufrj.br 🐚
- 🐚 **Editora do Jornal:** Prof.ª Daniele Pedrosa Monteiro danielepm@hotmail.com 🐚
- 🐚 Home page: www2.uerj.br/~sbma 🐚
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Laboratório de Malacologia- PHLC- Sala 525/2
🐚 Rua São Francisco Xavier, 524- CEP: 20550-900- RJ 🐚
- 🐚 Tiragem: 300 exemplares 🐚
🐚 Período de referência: Janeiro-Março/2002 🐚



Impresso na gráfica da UERJ



Palavras do vice-presidente:

Desde a nossa posse em julho do ano passado venho me dedicando a atualizar a nossa home-page com o intuito de oferecer um produto diferenciado que justifique objetivamente o custo da associação especialmente dos nossos estudantes de graduação. A criação desse produto foi um compromisso de campanha que vinha sendo cumprido em relativo sigilo até o momento.

Acreditamos que é chegada a hora de prestar contas, afinal nos aproximamos rapidamente do aniversário de nosso primeiro ano como representantes da nossa SBMa. Infelizmente nossos progressos vêm ocorrendo num ritmo mais lento do que gostaríamos mas, de qualquer forma, vamos ver a quantas estamos: 1- Nossa home-page foi re-hospedada no site da UERJ (www2.uerj.br/~sbma) sem custos de manutenção; 2- Embora ainda não terminada, foi re-estruturada nos moldes das demais Sociedades Malacológicas; 3- Estamos terminando a digitação dos resumos dos nossos EBRAMs, exceto dos dois primeiros os quais, aparentemente, não geraram "livros" de resumo próprios. Até o momento foram digitalizadas 913 referências mas, como o trabalho ainda não está concluído, com certeza passaremos das 1000.

Até Julho esperamos disponibilizar todas em nossa home page. Para, em seguida, iniciarmos a coleta de dados referentes à Malacologia dos Congressos Brasileiros de Zoologia e assemelhados. O Objetivo final será o de termos e oferecermos acesso a um universo de informações fragmentado e quase nunca disponível. Numa terceira etapa pretendemos estender essa coleta de dados para incluirmos as dissertações e teses defendidas que versem sobre as mais variadas abordagens com os nossos moluscos. Pretendemos, ainda, expandir gradativamente nossa base de dados até cobrirmos (espero que não num futuro muito distante) tudo que foi ou venha a ser publicado sobre a Malacologia no Brasil ou fora dele, desde que baseado em nosso material.

De acordo com os nossos planos, é provável que cada um de nós possa incluir diretamente nossa produção através da home page, mas isso ainda será coisa para o futuro...

Cordialmente,

Prof. Dr. Ricardo S. Absalão
absalao@hotmail.com

Correspondências...

Desde que assumimos a Presidência da SBMa vimos recebendo diversas manifestações de apoio, estímulo e confiança dos colegas. Transcrevo parte de algumas dessas cartas, que nos deixaram particularmente sensibilizados por partirem de fundadores, que muito trabalharam para a estruturação da SBMa.

Do Dr: Maury Pinto de Oliveira (sócio 1) "Quero saudar a sra. Presidente pela investidura à nossa querida SBMa. Esta minha saudação ...é extensiva a todos os nossos ex-presidentes, que entraram, mantiveram e engrandeceram a SBMa,...cujo galardão hoje nós recebemos."

Do Dr. Luiz Roberto Tostes (sócio 52)... "Foi com imensa alegria que recebi o Informativo 137/138. Aos 70 anos, ainda em plena atividade profissional... vejo com satisfação uma nova diretoria assumir o comando da SBMa. É sangue novo que chega.....".

Do Dr. Ivanzir Vieira (sócio 2)..."Registro minha alegria por seu contínuo crescimento e pela qualidade de seus membros e publicações, bem além dos primeiros boletins... mas que muito me orgulhavam"

Do Sr. Robson Soares, representante da Associação de Mulheres de Pedra de Guaratiba, solicitação de consultoria para implantação de criação de mexilhões.. Indicamos a Profa. Dra. Eliana de Mesquita, da UFF.

Do Dr. Colin Beasley, informando a recente implantação de disciplinas de Malacologia no curso de pós-graduação em Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (www.museu-goeldi.br) junto com a Universidade Federal do Pará (www.ufpa.br) e no curso de Mestrado em Ecologia de Ecossistemas Costeiros e Estuarinos (MEECE, UFPA, Campus de Bragança). No curso de Zoologia, a disciplina tem ênfase na fauna de águas continentais da Amazônia, enquanto a do MEECE enfatiza a fauna dos habitats litorâneos do norte do Brasil. Além da pós-graduação, a Malacologia foi introduzida no currículo do novo curso de Ciências Biológicas no Campus de Bragança, UFPA, com ênfase também na biologia do manguezal, praias, estuários e associados habitats na região norte. cremos que o estabelecimento dessas disciplinas estimularão mais interesse na malacofauna da região norte onde há poucos especialistas em moluscos.

Contatos: Laboratório de Moluscos- Núcleo de Estudos Costeiros- Universidade Federal do Pará-Campus de Bragança- Alameda Leandro Ribeiro s/n- Bragança 68.600-000 Pará, Brazil- Tel. +55-91-4251209- Fax. +55-91-4251593- e-mail: beasley@ufpa.br

Melanoides tuberculatus

Sobre a expansão de *Melanoides tuberculatus* (Müller, 1774) no Brasil.

Ao contrário da introdução deliberada do caramujo afro-asiático *Melanoides tuberculatus* (Müller, 1774) em algumas ilhas do Caribe, como Guadeloupe, para atuar como competidor dos moluscos vetores do *Schistosoma mansoni* Sambon, 1907, no Brasil sua introdução parece ter sido acidental, possivelmente através de ovos e juvenis presos às plantas aquáticas comercializadas por aquaristas.

Seu primeiro registro ocorreu em Santos, SP, em 1967 e agora, 35 anos mais tarde, encontra-se nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Pernambuco e Bahia. Em São Paulo e Rio de Janeiro, onde levantamentos malacológicos extensivos têm sido realizados nos últimos anos, esta espécie tem sido encontrada em quase todas as bacias hidrográficas, habitando coleções hídras lóticas, lênticas, poluídas ou não, geralmente em densas populações. A rápida expansão de *M. tuberculatus*, sua adaptação a vários tipos de ambientes e sua alta capacidade reprodutiva certamente constitui ameaça à malacofauna nativa e deve ser investigada.

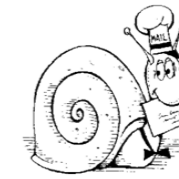
Considerando a falta de estudos taxonômicos e ecológicos substanciais sobre a malacofauna límnic do Brasil e o impacto ambiental causado pelas espécies invasoras, apesar da possível eficácia de *M. tuberculatus* como competidor dos planorbídeos vetores da esquistossomose, que ocorrem amplamente no país, a expansão dessa espécie deve ser controlada.

(Publicado no jornal TENTACLE, no. 10, p.17, janeiro/2002)

Silvana C. Thiengo (sthiengo@ioc.fiocruz.br); Monica A. Fernandez (ammon@ioc.fiocruz.br) & Luís R. de Simone (lrsimone@usp.br).

Caracolino

Malaco é Malandro!



Olá pessoal! Dessa vez trago uma interessante informação cultural! Eu, caracol ciente das minhas responsabilidades científicas, aprecio as mais variadas manifestações artísticas.

Não é sem razão que eu e toda a família somos utilizados em diversos aspectos da arte popular... Lendo uma reportagem sobre o Grupo Cachuera!, de São Paulo, que se dedica a estudar, recuperar letras e ritmos, divulgando o jongo, me deparei com o seguinte: "O Villa-Lobos é que não era pesquisador, mesmo. Tinha um ouvido fantástico: ele ouvia cantar, mas era muito malandro, era brasileiro, era malaco"

Malaco? Usado fora da malacologia? Teria o mesmo significado? Imediatamente entrei em contato com o grupo. Primeiro me apresentei, falando de nossa importância na natureza e do significado do termo malaco.

Recebi gentil resposta do Sr. Marcelo Manzatti, coordenador de acervo da Associação Cultural Cachera. "... Paulo Dias, nosso presidente, responsável pela utilização do termo malaco no artigo/reportagem informa que malaco, na gíria popular, significa realmente malandro. Não sabemos, no entanto, se a construção etimológica do termo derivou do significado de "mole" ou se de uma corruptela de malandro mesmo, que teria dado, por coincidência, em malaco."

E vocês? Não acham que limnopernas, corbiculas e achatinas também são "malacos"?

Reportagem: "Grupo Cachuera! ...Esse universo tão rico quanto Bach, Beethoven..." D. O. Leitura. 19 (10): 27-39. outubro 2001. cachuera@uol.com.br

SIMPÓSIOS DO V CLAMA:

São Paulo, 30/06 a 04/07/2002

1. Título: Impactos dos grandes projetos hídricos sobre a malacofauna límnic.
Coordenadora: Dra. Silvana Carvalho Thiengo

2. Título: Bivalves dulceaquícolas invasores do Cone Sul.
Coordenador: Dr. Gustavo Darrigan

3. Título: Malacofauna Terrestre da América Latina: Conheçê-la para conservá-la.
Coordenadora: Dra. Norma Campos Salgado

4. Título: O estado das Coleções Malacológicas da América Latina e propostas de informatização de banco de dados.
Coordenador: Dr. Sergio Luis Letelier Vallejos

5. Título: O uso de moluscos como bioindicadores
Coordenadora: Dra. Eliana Nakano

6. Título: Reprodução e Desenvolvimento
Coordenadores:
Dr. Pablo E. Penchaszadeh e Dra. Patricia Miloslavich

7. Título: Imposex e uso de Tributyl-estanho em pinturas "antifouling".
Coordenadora: Laura G. Huaquín Mora

Terminado o levantamento sobre a biodiversidade de moluscos continentais do Brasil

O título acima, repleto de surrealismo e ironia, é o que, em um dia no futuro não muito distante, poderemos ver em alguma revista científica. O título, ao contrário do que parece, externa o lamento de algum deprimido pesquisador nacional, e não o magnífico resultado do esforço coletivo dos malacólogos brasileiros.

O término de um levantamento faunístico é facilmente atingido quando há poucas espécies a serem investigadas. É justamente sobre isso que me refiro. O término do levantamento da malacofauna continental brasileira revelaria a presença de apenas 4 espécies: 1 terrestre e 3 de água doce.

Talvez, tal notícia triste não seja devido a alguma catástrofe espetacular, como uma praga viral, um desmatamento extensivo, um incêndio devastador, algo digno de Hollywood. Talvez tal notícia mórbida seja devido a algo que poucos dão a devida importância, porém que tenha se revelado tão catastrófico quanto qualquer outra maléfica intervenção humana na Natureza.

Já em 1990, escrevi neste mesmo periódico (103: 9-12) externando minhas preocupações quanto à introdução de espécies alienígenas no ambiente natural. Este foi o primeiro esforço de vários, a procura de ajuda e de difundir o problema. Confesso meu fracasso.

Hoje recebo no Museu de Zoologia da USP centenas de lotes por ano para identificação. Os moluscos invasores perfazem mais da metade das amostras límnicas enviadas. Tenho acompanhado alarmado a progressão do problema, e a chegada de tais invasores provenientes de lugares ermos, muito longe de centros urbanos.

Repito que num ambiente tropical não há nichos ecológicos vazios. Certamente a colonização por uma espécie invasora, proveniente de outro ecossistema, adaptada a outra realidade ambiental talvez mais agressiva, é sempre em detrimento das espécies nativas, levando-as a extinção. Levando em conta minha estimativa de que não conhecemos nem metade de nossa malacofauna, certamente muitas espécies devem estar se extinguindo antes mesmo que sejam sequer conhecidas.

O terrível invasor terrestre, proveniente da África, *Achatina fulica*, tem se espalhado em uma velocidade terrível. Tenho recebido amostras de praticamente todo o Brasil, provenientes de ambientes naturais. Nem o fato de ser potencial vetor de doenças, nem de ser imediata praga agrícola, tem despertado respostas efetivas das autoridades, muito menos isso acontecerá evocando o fato de que a espécie compete e aniquila as espécies nativas.

O mesmo acontece com as espécies de água doce. O gastrópode proveniente do continente Euro-Asiático, *Melanooides tuberculatus* ocupa toda a bacia do Paraná e já invadiu o baixo Amazonas. As espécies de bivalves *Corbicula fluminea* e *Limnoperna fortunei*, ambas provenientes daquele continente, estão no mesmo caminho, já ocupando boa parte da macrobacia do Paraná. Ambos os bivalves tem um agravante: adoram habitar e se reproduzir em usinas hidrelétricas, onde o fluxo de água poupa os indivíduos de um

esforço extra.

O entupimento de tubulações e de turbinas é só uma questão de tempo. Que terrível notícia nessa época de racionamento de energia!

Pois bem, amigos e colegas, parece que as notícias não são boas aos biólogos que se dedicam ao estudo da sistemática e aqueles que amam a diversidade biológica. Em breve apenas restarão 4 espécies de moluscos continentais no Brasil, e a riquíssima malacofauna neotropical apenas repousará em nossas lembranças e como peças de museus. Resta a pergunta: há ainda algo a fazer?

Prof. Dr. Luiz Ricardo L. Simone
Museu de Zoologia da USP
lrsimone@usp.br

Achatina fulica...

Achatina não é "escargot"!

Os jornalistas fazem muito bem em alertar a população sobre os riscos que a proliferação de *Achatina fulica* (não "Achantina", muito menos "Fulica"), espécie comprovadamente transmissora de doenças graves e seríssima praga agrícola no Brasil e em todo o mundo tropical.

A espécie (espécie, não "raça") foi introduzida no Brasil de forma dolosa, ingênua e irresponsável por criadores de caracóis comestíveis sem consciência social e sem qualquer treinamento em Ecologia e Biologia de Invasões.

Tornou-se praga quase imediatamente. Em Recife, onde estive em julho passado, a população do caramujo-gigante-africano é imensa em vida livre (*Achatina* SEMPRE escapa) e já se tornou dor de cabeça para agricultores da região.

O clima quente e úmido favorece a multiplicação acelerada. Tudo indica que o caramujo tenha sido introduzido no campus da UFPE.

Vamos ter mais responsabilidade social! Vamos pensar um pouco na população pobre e miserável do país e dos países vizinhos, que tem agora em *A. fulica* mais um inimigo e agente de miséria!

A propósito: a denominação "escargot" aplicada por criadores e comerciantes de *A. fulica* é imprópria por razões técnicas e científicas; deve restringir-se ao uso como nome popular e comercial de diversas espécies europeias de *Helix* conhecidas na França e nos meios gastronômicos por esse nome. A utilização do nome "escargot" para comercializar a carne de *Achatina* caracteriza fraude, má-fé e tentativa de enganar o consumidor.

Precisamos, sim, de manifestos e campanhas, mas contra a *Achatina fulica*.

Mais informações se encontram disponíveis na página:
[Http://www.geocities.com/rainforest/9468/achat_tr.htm](http://www.geocities.com/rainforest/9468/achat_tr.htm)

Celso Lago Paiva
Campinas, 30 de março de 2002

Eventos:

CURSOS:

Escola de Agronomia- GO:
Técnicas de cultivo de bivalves marinhos
24 de junho de 2002
Profs. Jaime Fernando Ferreira, Aimê Rachel M. Magalhães e João Guzinski
Informações:
jff@cca.ufsc.br

Curso Básico de Helicicultura
Informações:
<http://www.agroescola.com.br/cursos>

CONGRESSOS E ENCONTROS:

Aquicultura 2002:
I Encontro Nacional do Agronegócio da Aquicultura
Goiânia- Goiás
Escola de Agronomia
Informações:
www.winproducoes.com.br/simbraq2002

II Congresso Internacional de las Sociedades Malacológicas Europeas
9 a 13 de setembro de 2002
Informações:
www.vincit.es/es/congress/index.htm

Aquaexpo 2002- Feria Internacional de Productos Acuícolas y Pesqueros.
1-4 de outubro
Guayaquil- Ecuador
Organizada pela Câmara Nacional de Aquicultura do Equador
Informações:
www.cna-ecuador.com

Evolution and Biology of Marine Limpets.
Universities Marine Biological Station, Millport, Isle of Cumbrae, Scotland.
28 - 30 de março de 2003
Informações:
hugh.jones@man.ac.uk
a.hodgson@ru.ac.za

Simpósio 2003.
Sociedad de Biología Sistemática
California State University, Chio, California, USA

Atenção !!!

O XVIII Encontro Brasileiro de Malacologia já está agendado! A princípio, nos dias 21 a 25 de junho de 2003 a maior comunidade malacológica da América Latina estará reunida, na Cidade Maravilhosa, discutindo diversos temas e atualidades em Malacologia... Estamos esperando todos vocês!!!

A Malacologia na Internet

Web of Science

Um levantamento rápido realizado em abril de 2002, numa base de dados de 24 967 217 artigos, apresentou os seguintes resultados, em número de artigos, de acordo com as palavras-chaves utilizadas: Mollusca- 4198; Mollusks- 2876; Gastropoda- 4081; snails- 4070; Bivalvia- 2435; Cephalopoda- 878; Polyplacophora- 210; Scaphopoda- 60; Aplacophora- 32; Monoplacophora- 26. Esses números refletem não só a diversidade dos grupos, mas também o número de pesquisadores envolvidos em cada grupo. Quando usamos a combinação Mollusca AND Brazil, apenas 47 artigos foram recuperados.

Grupos de Pesquisa CNPq

A busca por palavras chaves tanto no título da linha de pesquisa como nos produtos, indicaram os seguintes grupos de pesquisa: Mollusca - 59; Bivalvia- 50; Gastropoda - 48; Malacologia- 29; Cephalopoda- 5. A mesma busca utilizando apenas a linha de pesquisa, indicou, respectivamente 11, 3, 3, 13 e 0.

Rio de Janeiro, 30 de março de 2002.
Profa. Dra. Sonia Barbosa dos Santos

LIVROS

Dicionário Conquiliomalacológico 2ª. ed. - Maury Pinto de Oliveira e Maria Helena Rodrigues de Oliveira. R\$ 20,00

Malacologia- Maury Pinto de Oliveira e Marcelo Nocelle. R\$ 30,00.

Conchas dos Caramujos Terrestres do Brasil - Maury Pinto de Oliveira e Marcelo Nocelle. R\$ 40,00

O pagamento deve ser através de depósito na conta 142731.8 Agência 2995-5, Banco do Brasil, Juiz de Fora-MG. Em seguida, enviar comprovação do depósito por fax: (32) 32293221.

Informações através do e-mail:
malaco@icb.ufjf.br

Teses defendidas:

"Biodiversidade de Moluscos em área de hortigranjeiros no Município de Porto Alegre, RS, Brasil", de Gisela Bruschi Figueiró.

"Estudo bionômico de uma espécie de *Gastrocopta* (Gastropoda: Vertiginidae: Gastrocoptinae) e caracterização da malacofauna acompanhante do Parque Moinhos de Ventos, Porto Alegre e do Sistema Arroio-Bolaxa, Rio Grande, RS, Brasil", de Carla Regina Pedroso de Oliveira.

Ambas defendidas em 26/02/2002, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Dra. Inga Ludmila Veitenheimer Mendes.

ESPÉCIES DE MOLUSCOS MARINHOS DESCRITAS PARA O LITORAL DO BRASIL POSTERIORES A RIOS (1994)

Desde a publicação da última edição do livro do Prof. Eliézer de Carvalho Rios (Seashells of Brazil, 1994) foram introduzidos vários nomes de moluscos marinhos referentes a novas espécies ou gêneros para a costa brasileira. A seguir, apresentamos uma compilação desses nomes, e também de alguns anteriores a 1994, mas que não constam em Rios (1994). Caso o leitor observe a ausência de alguma espécie, solicitamos o envio da referência à sua descrição, para que a mesma seja incluída na listagem.

Foram introduzidos, nesse período, 65 nomes (sete anteriores a 1994), sendo dois gêneros e 63 espécies (um nome novo) totalizando 60 gastrópodes, 2 bivalves e um poliaplacóforo. Tivemos, então, a descrição de 62 novas espécies de moluscos marinhos. Rios (1994) registrou 1574 espécies; assim, levando em conta apenas novas espécies (não consideramos novas ocorrências e possíveis casos de sinonímia) a riqueza da malacofauna brasileira teve um acréscimo de 3,81%.

De onde vieram estas espécies? A maior parte das novas espécies foi coletada na costa da região sudeste (42 espécies); a região sul contribuiu com três espécies e as regiões norte e nordeste com 16, sendo 11 apenas do litoral da Bahia. Destaca-se, portanto o litoral centro-sudeste brasileiro (Bahia até São Paulo) com 53 espécies (85,48% do total de espécies descritas). Em relação a batimetria, a maioria das espécies é de plataforma (0-200 m); e nove espécies são batiais: cinco espécies entre 200 e 500 m; duas entre 500 e 1000 m; e duas coletadas em profundidades maiores que 1000 m.

Quem descreveu estas espécies e onde? Das 62 espécies novas, 43 (69,35%) foram descritas por autores brasileiros (pelo menos um co-autor radicado no Brasil), e destas, 35 (81,39%) foram publicadas em periódicos internacionais.

CLASSE POLYPLACOPHORA

ACANTHOCHITONIDAE

* ***Acanthochitona terezae*** Guerra, 1983. Mem. Inst. Oswaldo Cruz 78(4): 385-389. Holótipo: MNRJ 4584. Loc.tipo: off Itapuã, BA.

CLASSE GASTROPODA

LEPETIDAE

* ***Propilidium curumim*** Leal & Simone, 1998. Bull. mar. Sci. 63(1): 157-165. Holótipo: MZSP 28350. Loc.tipo: off Chuí, RS (166 m).

ADDISONIIDAE

* ***Addisonia enodis*** Simone, 1996. Bull. mar. Sci. 58(3): 775-785. Holótipo: MZSP 27956. Loc.tipo: off Ubatuba, SP (184 m).

PSEUDOCOCCULINIDAE

* ***Copulabyssia riosi*** Leal & Simone, 2000. Nautilus 114(2): 59-68. Holótipo: MZSP 32150. Loc.tipo: off Abrolhos, BA (950-1050 m).

HALIOTIDAE

* ***Haliotis aurantium*** Simone, 1998. Malacologia 39(1-2): 59-75. Holótipo: MZSP28201. Loc.tipo: off Bacia de Campos, RJ (95 m).

TURBINIDAE

* ***Turbo heisei*** Prado, 1998. Strombus 5: 1-3. Holótipo: MORG 40998. Loc.tipo: Off Marataízes, ES (15-20 m).

TROCHIDAE

* ***Calliostoma tenebrosum*** Quinn, 1992. Nautilus 106(3): 77-114. Holótipo: ANSP 300356. Loc.tipo: off Rio Potengi, Natal, RN.

* ***Brookula spinulata*** Absalão, Miyaji & Pimenta, 2001. Zoosystema 23(4): 675-687. Holótipo: MNRJ 8424. Loc.tipo: Sul do Banco de Abrolhos, BA (775 m).

TORNIDAE

* ***Macromphalina lyrapintoae*** Barros, 1994. B. Mus. Malacol. 2: 119-133. Holótipo: MMUFRPE 7501. Loc.tipo: Praia de Carne de Vaca, PE.

CERITHIIDAE

* ***Bayercerithium*** Petuch, 2001 gen. novo. Bull. biol. Soc. Wash. 10: 334-343. Espécie-tipo: *Bayercerithium bayeri* Petuch, 2001.

* ***Bayercerithium bayeri*** Petuch, 2001. Bull. biol. Soc. Wash.10: 334-343. Holótipo: USNM 894854. Loc.tipo: off Gaibu, PE (2m).

MODULIDAE

* ***Morum bayeri*** Petuch, 2001. Bull. biol. Soc. Wash. 10: 334-343. Holótipo: USNM 894855. Loc.tipo: off Ilha de Itaparica, BA (2 m).

BARLEEIDAE

* ***Amphithalamus glabrus*** Simone, 1995. J. Conch. 35: 329-333. Holótipo: MZSP 28997. Loc.tipo: Ilha de Vitória, São Sebastião, SP.

* ***Caelatura spirocordata*** Absalão, 1995. Apex 10 (2-3): 87-93. Holótipo: IBUFRJ 5948. Loc.tipo: off Atafona, RJ (16,8 m).

* ***Caelatura barcellosi*** Absalão, 1995. Apex 10 (2-3): 87-93. Holótipo: MORG 30766. Loc.tipo: off Bahia (50 m).

RISSOIDAE

* ***Alvania (Punctulum) valeriae*** Absalão, 1993. Nautilus 107(3):104-106. Holótipo: IBUFRJ 1726. Loc.tipo: off sudeste do Espírito Santo (38 m).

CAECIDAE

* ***Caecum (Elephantulum) massambabensis*** Absalão, 1994. J. Conch. 35(2): 137-140. Holótipo: IBUFRJ 5518. Loc.tipo: off praia de Massambaba, RJ (31 m).

* ***Caecum (Caecum) eliezeri*** Absalão, 1997. Veliger 40(3): 271-273. Holótipo: MORG 32884. Loc.tipo: off Rio de Janeiro (41 m).

FOSSARIDAE

* ***Lacuna cleicecabralae*** Barros, 1994. B. Mus. Malacol. 2: 119-133. Holótipo: MMUFRPE 4802. Loc.tipo: Ponta de Jaguaribe, Ilha de Itamaracá, PE.

OVULIDAE

* ***Pseudocyphoma christahemmenae*** Fehse, 1997. Schr. Malakozool. 10: 35-37. Holótipo: HNC 44661. Loc.tipo: off Guarapari, ES (15 m).

* ***Cyphoma guerrinii*** Fehse, 2001. Schr. Malakozool. 17: 36-42. Holótipo: HNC 57350. Loc.tipo: off Angra dos Reis, RJ (3-4 m).

* ***Cyphoma rosenbergi*** Fehse, 2001. Schr. Malakozool. 17: 36-42. Holótipo: HNC 57353. Loc.tipo: off Guarapari, ES (30-40 m).

* ***Simnialena ilhabelaensis*** Fehse, 2001. Schr. Malakozool. 17: 36-42. Holótipo: HNC 57357. Loc.tipo: off Ilha Bela, SP (20 m).

EULIMIDAE

* ***Annulobalcis aurisflamma*** Simone & Martins, 1995. J. Conch. 35(3): 223-235. Holótipo: MZSP 27905. Loc.tipo: Praia da Enseada, Ubatuba, SP.

MURICIDAE

* ***Poirieria (Pazinotus) bodarti*** Costa, 1993. La Conchiglia, 25(269): 49-51. Holótipo: MORG 32000. Loc.tipo: off Guarapari, ES (25 m).

* ***Muricopsis josei*** Vokes, 1994. Tulane Stud. Geol. and Paleontol. 26: 49-160. Holótipo: MORG 31963. Loc.tipo: off Guarapari, ES (10-15 m).

* ***Muricopsis marcusii*** Vokes, 1994. Tulane Stud. Geol. and Paleontol. 26: 49-160. Holótipo: MORG 31961. Loc.tipo: Ilha das Cabras, Ilha Bela, SP.

* ***Coronium*** Simone, 1996. Bull. mar. Sci. 59: 45-52.

Espécie tipo: *Colubrarium coronatum* Penna-Neme & Leme, 1978.

* ***Coronium elegans*** Simone, 1996. Bull. mar. Sci. 59: 45-52. Holótipo: MORG 29560. Loc.tipo: off Peruíbe, SP (130-140 m).

* ***Coronium oblongum*** Simone, 1996. Bull. mar. Sci. 59: 45-52. Holótipo: MZSP 27895. Loc.tipo: off Ubatuba, SP (600 m).

* ***Trophon iarae*** Houart, 1998. Apex 13: 127-130. Holótipo: MORG 6731. Loc.tipo: off Albardão, RS (55 m).

* ***Attiliosa perplexa*** Vokes, 1999. Veliger 42(4): 289-305. Holótipo: USNM 880257. Loc.tipo: off Guarapari, ES (20 m).

BUCCINIDAE

* ***Colubraria kathiewayana*** Fittkau & Parth, 1993. Spixiana, 16(2):189-190. Loc.tipo: off Guarapari, ES (20-25 m).

* ***Pisania bernardoi*** Costa & Gomes, 1998. Siratus 14: 15-17. Holótipo: MORG 39006. Loc.tipo: Salvador, BA.

COLUMBELLIDAE

* ***Anachis (Costoanachis) carlosirai*** Costa, 1996. La Conchiglia 280: 45-50. Holótipo: MORG 33010. Loc.tipo: off Guarapari, ES (20-25 m).

* ***Nassarina thetys*** Costa & Absalão, 1998. Basteria 62: 277-285. Holótipo: MORG 39009. Loc.tipo: off Guarapari, ES (20-30m).

* ***Mitrella antares*** Costa & Souza, 2001. Iberus 19(2): 15-21. Holótipo: MORG 33314. Loc.tipo: off Guarapari, ES (25 m).

* ***Mitrella cabofrioensis*** Costa & Souza, 2001. Iberus 19(2): 15-21. Holótipo: MORG 39010. Loc.tipo: off Cabo Frio, RJ (140 m).

FASCIOLARIIDAE

* ***Latirus lacteum*** Matthews-Cascon, Matthews & Rocha, 1991. Bolm Mus. Nac., nova série 349: 1-6. Holótipo: MNRJ 6201. Loc.tipo: off Pará (63-65 m).

* ***Latirus (Polygonia) devyanae*** Rios, Costa & Calvo, 1994. La Conchiglia 26(273):33-36. Holótipo: MORG 30855. Loc.tipo: off Cabo Frio, RJ (140 m).

* ***Leucozonias ponderosa*** Vermeij & Snyder, 1998. Nautilus 112(4): 117-119. Holótipo: MORG 39298. Loc.tipo: Enseada dos Portugueses, Ilha Trindade (10 m).

* ***Latirus beckyae*** Snider, 2000. Nautilus 114(4): 161-163. Holótipo: USNM 880231. Loc.tipo: off Vitória, ES (30-50 m).

HARPIDAE

* ***Morum bayeri*** Petuch, 2001. Bull. biol. Soc. Wash. 10: 334-343. Holótipo: USNM 894859. Loc.tipo: off Ilha de Itaparica, BA (5 m).

OLIVIDAE

* ***Olivella (Olivella) arionata*** Absalão, 2000. Argonauta 14(2): 11-13. Holótipo: MORG41031. Loc.tipo: off Rio de Janeiro (18 m).

MARGINELLIDAE

* ***Volvarina pontesi*** Rios & Leal, 1993. Apex 8(1-2): 27-30. Holótipo: MORG 17889. Loc.tipo: off Itajaí, SC (1140 m).

* ***Volvarina brasiliiana*** Boyer, 2000. Novapex 1(2): 35-55. Holótipo: MNHN. Loc.tipo: Barra, Salvador, BA (4-20 m).

* ***Volvarina tunicata*** Boyer, 2000. Novapex 1(2): 35-55. Holótipo: MNHN. Loc.tipo: Guarapari, ES (20-25 m).

* ***Bullata analuciae*** Souza, 2001. Nautilus 115 (1): 1-14. Holótipo: MNRJ 7186. Loc.tipo: off Vitória, ES (6070 m)

* ***Bullata guerrinii*** Souza, 2001. Nautilus 115 (1): 1-14. Holótipo: MNRJ 7818. Loc.tipo: Pedra da Lixa, BA (5-15 m).

COSTELLARIIDAE

* ***Thala crassa*** Simone, 1995. Bull. mar. Sci. 56(3): 805-812. Holótipo: MZSP 27919. Loc.tipo: off Ubatuba, SP (320 m).

TURRIDAE

* ***Sediliopsis riosi*** Tippett, 1995. Nautilus 109(4): 127-138. Holótipo: MORG 31775. Loc.tipo: off São Paulo (250 m).

* ***Cochlespira elongata*** Simone, 1999. Revta. bras. Zool. 16(1): 103-115. Holótipo: MZSP 28110. Loc.tipo: off Ubatuba, SP (250m).

TEREBRIDAE

* ***Terebra reticulata*** Simone & Verissimo, 1995 non Sowerby, 1840. Bull. mar. Sci. 57(2): 460-466. Holótipo: MZSP 27930. Loc.tipo: off Ubatuba, SP (320 m).

* ***Terebra crassireticula*** Simone, 1999. Zoosystema 21(2): 199-248. Nome novo para *T. reticulata* Simone & Verissimo, 1995.

* ***Terebra leptapsis*** Simone, 1999. Zoosystema 21(2): 199-248. Holótipo: MZSP 28704. Loc.tipo: Bacia de Campos, RJ.

* ***Terebra spirosculcata*** Simone & Costa, 1999. Zoosystema 21(2): 199-248. Holótipo: MNRJ 3657. Loc.tipo: off Ilha do Pai, RJ (30-40 m).

* ***Terebra sterigma*** Simone, 1999. Zoosystema 21(2): 199-248. Holótipo: MNHN. Loc.tipo: off Regência, ES (340-360 m).

CONIDAE

* ***Conus bertarollae*** Costa & Simone, 1997. Siratus 3(13): 3-8. Holótipo: MORG 39007. Loc.tipo: off Alcobaça, BA (2-3 m).

* ***Conus (Dauciconus) worki*** Petuch, 1998. La Conchiglia 287: 25-36. Holótipo: UF 276860. Loc.tipo: off Vitória, ES (35 m).

RISSOELLIDAE

* ***Rissoella ornata*** Simone, 1995. Proc. biol. Soc. Wash. 108(4): 560-567. Holótipo: MZSP 28004. Loc.tipo: Ilha Vitória, São Sebastião, SP.

OMALOGYRIDAE

* ***Ammonicera plana*** Simone, 1997. J. Conch. 36(1): 43-50. Holótipo: MZSP 28222. Loc.tipo: Ilha do Mar Virado, Ubatuba, SP.

PYRAMIDELLIDAE

* ***Odostomella carceralis*** Pimenta, Absalão & Alencar, 2000. Basteria 64: 65-70. Holótipo: MORG 38648. Loc.tipo: Enseada de Dois Rios, Ilha Grande, RJ (2-15 m).

* ***Turbonilla macaensis*** Pimenta & Absalão, 2001. Basteria 65: 69-88. Holótipo: MNRJ 8434. Loc.tipo: Arquipélago de Santana, Macaé, RJ.

CLASSE BIVALVIA

GALEOMMATIDAE

* ***Parabornia palliopapillata*** Simone, 2001. J. Conch. 37(2): 159-169. Holótipo: MZSP 30083. Loc.tipo: Ilha dos Alcatrazes, São Sebastião, SP.

PSAMMOBIIDAE

* ***Gari (Gobraeus) linhares*** Simone, 1998. J. Conch. 36(3): 35-38. Holótipo: MZSP 28785. Loc.tipo: off praia da Barra, Salvador, BA (5 m).

Abreviaturas de coleções: HNC - Haus der Natur, Cismar; IBUFRJ Instituto de Biologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; MMUFRPE - Museu de Malacologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife; MNHN Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris; MNRJ Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; MORG - Museu Oceanográfico "Eliézer de Carvalho Rios", Rio Grande, Rio Grande; MZSP Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo; UF Florida Museum of Natural History, Florida; USNM - National Museum of Natural History, Washington, DC.

Referências: Rios, E.C. 1994. Seashells of Brazil. 2nd ed. Museu Oceanográfico Prof. E. C. Rios da Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande. 368 p., 113 pls.

MSc Alexandre Dias Pimenta
alexvim@biologia.ufrj.br

MSc Paulo Márcio Santos Costa
pmscosta@yahoo.com